“A gente não somos inútil”: o rock como ação política na década de 1980

“We are not useless": rock as a political action in the 1980’s.

Luís Fellipe Fernandes Afonso[1]

RESUMO

Durante certo tempo, a década de 1980 foi conhecida como “a década perdida”. Devido às crises econômicas e políticas, a juventude dessa geração foi reconhecida por não ter vontade política, principalmente quando comparada aos jovens de 1960. Assim, a geração que deveria liderar as mudanças políticas que estavam acontecendo no processo de redemocratização do país e a luta por importantes mudanças sociais mostrava-se apática e sem interesse pela política tradicional. Mas será que essa visão está realmente correta? Neste artigo, vamos discutir como os jovens brasileiros estavam produzindo novas questões e novas formas de ação políticas, por meio da consolidação da cena roqueira nacional. Essa geração apresenta novas formas de intervenção pela música, pois, por meio dela, são embutidos os valores e as experiências políticas dessa juventude, ao mesmo tempo em que ela também se apresenta como uma forma de ação e organização dos pensamentos políticos desse grupo.

Palavras-chaves: Rock; Juventude; Política; Redemocratização

ABSTRACT

For a time, the 1980’s were known as "the lost decade." Due to economic and political crises the youth of this generation were perceived as not having political will, especially when compared to the youth of the 1960’s. Thus, the generation that should have lead the political changes that were happening during the country’s process of re-democratization and the struggle for social changes, were apathetic and uninterested in traditional politics. But is this view really correct? In this article, we will discuss how young Brazilians were producing new issues and new forms of political action, through the consolidation of the national rock scene. This generation presents new forms of intervention through music, in which their values and political experiences are embedded. At the same time it is seen as a form of action, and the organization of the political thoughts of that group.

Keywords: Rock. Youth. Policy. Re-democratization

[1] Professor na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC), doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ) e mestre em Histórica Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-UFRJ). Endereço de e-mail: lfafogo@yahoo.com.br

Pensando rock e juventude

Mais do que apenas um gênero musical, o rock é um grito geracional que divide o mundo jovem do adulto. Ouvir as bandas e cantar suas músicas não se reduz apenas a uma questão de gosto, é também uma forma do jovem criar seus laços sociais e impor-se nos espaços, tanto públicos quanto particulares. Isso torna muito difícil a separação entre esses dois temas, afinal, desde suas gêneses aos dias de hoje, rock e juventude estão intimamente ligados.

A noção que se tem de adolescência é muito recente, cunhada na década de 1950. Apesar de já existirem diversos estudos no campo das ciências sociais sobre grupos etários jovens, ligados à questão da marginalidade, apenas na segunda metade do século XX é que vamos ter a juventude como o conceito ideológico de uma nova classe social intermediária entre a criança e o adulto (FIRTH, 1980, p.24-28). O conceito de juventude adquire um estatuto legal e social. O adolescente deixa de ser um elemento passivo e marginalizado para se tornar um importante agente social e político.

Essa mudança é explicada pelas transformações sociais e econômicas que estavam acontecendo nos EUA durante a década de 1950. O país sai como um dos grandes vitoriosos da Segunda Guerra Mundial (1939-45), sendo credor de uma devastada Europa, que estava fraca economicamente devido aos efeitos da guerra em seu território. Os EUA passam a exportar diversos produtos industrializados para o continente europeu, ocasionando um maior giro de suas mercadorias, que proporcionou a diminuição de preços para seu mercado consumidor. Com isso, os norte-americanos conseguiram adquirir diversos bens duráveis (como televisões e toca-discos).

Com o crescimento da renda familiar, alguns jovens não precisariam trabalhar para complementá-la, proporcionando à emergência de novos hábitos ligados ao tempo livre e ao lazer. Cria-se um novo padrão de comportamento juvenil, que se choca com diversas instituições do mundo adulto ao

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

valorizar o prazer e o consumo como formas de prazer imediatas.

Essa busca por diversão e produtos diferenciados fez com que a juventude se transformasse num novo nicho de mercado, levando ao surgimento de vários produtos voltados para si. Da indústria têxtil ao cinema, diversos setores buscam os jovens como principal mercado consumidor. Segundo Medovoi, em 1964, a juventude já era responsável por gastar

> algo em torno de U$ 12 bilhões por ano e, contando que seus pais estavam gastando neles, o mercado total estava batendo U$ 25 bilhões...[consumiram] 55 por cento de todas as vendas de refrigerantes, 53 por cento de todas as entradas de cinema,43 por cento de todos os discos vendidos. Eles adquiriram 10 milhões de toca-discos e gastaram U$ 100 milhões por ano em álbuns antes que a indústria tivesse seus maiores anos. (MEDOVOI, 2005 p.38, tradução nossa)

O rock surge nessa mesma época dando voz a esse grupo social, que estava se fortalecendo cada vez mais, ao apresentar novidades que eles não encontravam em outros gêneros musicais. Os jovens sempre tiveram ídolos musicais, porém adultos; pessoas mais velhas que não viviam as mesmas experiências que eles, como Frank Sinatra. Já os cantores de rock possuíam a mesma idade dos ouvintes jovens, cantando situações pelas quais tais ouvintes passavam. Mais do que um estilo musical, o rock se transformou numa atitude e meio de autodefinição; num estilo de vida e pensamento para o jovem, sendo sua principal forma de integração no mundo. É a partir dele que os jovens conseguem vincular suas mensagens através das mídias e espaços conquistados.

O rock é um estilo híbrido de gêneros musicais negros – blues e gospel – com branco – country –; por isso, é considerado um estilo mestiço. A música proporcionava ao público jovem uma nova forma de extravasar suas emoções. Inicialmente, suas temáticas estavam ligadas a relacionamentos, escola, amigos, saídas, enfim, ao cotidiano jovem de maneira geral. Era o grito de liberdade contra o mundo adulto, pois se apresentava como um local de romances, diversão e aventuras, diferente do ambiente adulto. Um espaço inteiramente jovem.

A dança também produz uma língua não verbal tão importante quanto a verbal dentro do rock. O ritmo e a linguagem corporal abriam espaço pra performances que

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

incentivavam conotações sexuais, transformando-se, assim, numa forma dos jovens desafiarem a moral conservadora e expressarem sua sexualidade latente.

A influência negra, o estímulo à sexualidade e o afastamento das questões do mundo adulto fizeram com que o rock fosse atacado pelos grupos conservadores norte-americanos. Acusado de animalesco, de estimular atitudes violentas e indolentes por esses grupos, o rock gera um choque e uma disputa de espaços que expande a voz dos jovens e seus locais de atuação.

Com seu enorme sucesso, o rock ultrapassa as fronteiras norte-americanas e se expande para diversos países. Inglaterra, França, Colômbia, Argentina entre outros países importam esse gênero musical e passam a produzir suas próprias temáticas, baseadas na realidade de sua juventude.

No Brasil, o rock chega na segunda metade da década de 1950, através do filme *Sementes da violência* e sua música *Rock araund the clock.* Mas o gênero encontra dificuldades para se desenvolver em nosso país, devido ao cenário político-social que pelo qual passava. Essa realidade levou a uma marginalização do gênero não apenas pelos setores conservadores da sociedade, mas também por parte dos jovens brasileiros, reconheceram sua consolidação apenas na década de 1980 (AFONSO, 2016). Além de impedirem o rock de se desenvolver no Brasil, também "atrasaram" a consolidação de um gênero musical que representasse à juventude do país. Houve uma disputa ideológica para decidir qual ritmo deveria ser adotado como principal referência jovem. Tal rixa estava ligada diretamente às batalhas internas por um projeto social a ser implantado no Brasil na década de 1960 (AFONSO, 2016).

No começo, as músicas de rock feitas no Brasil eram traduções e sucessos internacionais e seus artistas não eram jovens, nem tinham afinidade com o gênero, como Cauby Peixoto. Por isso, o rock brasileiro não desenvolveu uma ligação de identidade entre os cantores e os jovens, impedindo sua aceitação como principal referência musical da juventude. Os adolescentes acabaram adotando o rock americano e o italiano.

Nos anos 1960, temos um movimento popular ligado ao rock

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

nacional, a Jovem Guarda. Ele significava um avanço em relação à geração anterior, tanto na parte melódica quanto nas temáticas. A guitarra estava mais agressiva, fazendo com que a harmonia não se limitasse apenas a ser o suporte do canto, tornando-se parte fundamental da canção. As músicas deixam de ser apenas versões açucaradas de sucessos internacionais e passam a relatar as questões do jovem; seu universo e suas angústias. Nesse grupo, destacava-se a dupla Erasmo e Roberto Carlos, que apresentavam junto com Wanderléa um programa dominical na TV Record, que nomeou o movimento. Além de ter iniciado o movimento em 1965, o programa Jovem Guarda foi um espaço de divulgação dessa geração roqueira, sendo copiado por diversas emissoras que queriam aproveitar o enorme sucesso que esses jovens estavam fazendo.

As músicas falavam de beijos roubados no cinema, desobediência às normas sociais, desinteresse pelo casamento, roupas, festas, carros; em suma, a realidade jovem. Misturando romantismo com agressividade, conformismo e ironia à cultura conservadora, o movimento conseguiu conquistar parte da juventude brasileira através de ídolos com os quais eles puderam se identificar. O efeito Jovem Guarda foi muito parecido com o proporcionado pela primeira geração do rock norte-americano na década de 1950.

Porém, inicia-se uma crítica generalizada à Jovem Guarda, acusada como um fenômeno de massa simples, alienante e que apoiava a ditadura militar e o imperialismo norte-americano ao tocar rock. Ao não falar das questões nacionais e não seguir a preservação dos instrumentos "autênticos" da MPB – outro gênero musical jovem surgido no período -, como a percussão e o violão, mas sim usar guitarras e outros instrumentos eletrônicos, a Jovem Guarda foi tida como face ideológica-cultural do regime, mesmo com as diversas críticas comportamentais feitas pelo governo aos roqueiros.

Essas barreiras afetavam o desenvolvimento do rock brasileiro. A Jovem Guarda, sendo atacada tanto pela direita (sociedade conservadora) quanto pela esquerda (MPB), acabou sendo um movimento de curta duração. Com o fim do programa em 1968, seus cantores acabaram se

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

desviando para outros gêneros musicais ou caindo no ostracismo.

Sem um espaço desenvolvido, os roqueiros brasileiros na década de 1970 tinham muita dificuldade para apreciar seu gênero favorito. As poucas bandas que se limitavam a esse cenário tiveram curta duração – caso de Novos Baianos, Vínama e Secos e Molhados – ou ficaram restritos ao *underground*. Alguns artistas como Rita Lee e Raul Seixas conseguiram fazer sucesso com o rock, mas não conseguiram consolidar a cena roqueira nos grandes meios de comunicação.

Todavia, o final da década de 1970 representa um momento de imensa mudança sócio-política no Brasil. A ditadura militar perde sua força e o país se encaminha para o processo de redemocratização. Tal mudança afeta diretamente a juventude, que, ao encará-la, necessita de algo que lhe dê um poder de fala, ela encontrará essa voz no rock.

Cultura jovem brasileira na década de 1980

Primeiramente devemos entender as mudanças que estavam acontecendo na década de 1980 no Brasil. Nessa época, o país, que recebeu de volta os exilados políticos, graças a Anistia de 1979, retoma a lentos passos o espaço de participação da sociedade na política. Tal retomada, muitas vezes, entra em choque com o planejamento dos militares, criando uma disputa na qual haverá avanços políticos e retrocessos, como o caso da "Diretas Já" e das eleições de 1982. Essas disputas mostravam como o regime militar vinha perdendo força, o que ocasionará na eleição, mesmo que indireta, no primeiro presidente civil em 20 anos, Tancredo Neves.

Esperava-se dessa juventude uma ação política parecida com a dos jovens de 1960, afinal, eles conseguiram subjugar o principal inimigo da geração inspiradora – a ditadura militar. Esse fator levou setores da sociedade a considerarem a geração de 1980 como "alienada" e sem participação política. Tal erro ocorre porque os críticos não levam em consideração a influência do tempo histórico na formação de cada juventude (CARDOSO & SAMPAIO, 1995, p.24). Afinal, somos todos

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

reflexos do nosso tempo, por isso a juventude da década de 1980 cria uma forma própria de resposta a essas mudanças políticas e sociais.

Devemos ter em mente que uma parte considerável desses jovens nasceram pós-golpe de 1964, não passando por uma experiência democrática. Isso fez com que eles não acreditassem tanto nos partidos e organizações políticas como melhora política. Sendo crianças, também não possuíam ideia das perseguições políticas e dos horrores produzidos pela Ditadura Militar. Assim, essa juventude não vê na redemocratização como solução política e social, por isso se afastam da ideia de que seriam eles os portadores da esperança e das utopias. Na peça *Trata-me Leão* do grupo jovem de teatro Asdrúbal Trouxe o Trombone, o personagem de Luiz Fernando Guimarães traduz esse pensamento: “não me mande ir à luta que eu não gosto. Tá legal? Vá à luta você" (BRYAN, 2004, p.22).

A partir dessa negação, a geração de 1980 produz um novo tipo de cultura muito forte no período, que será sua principal voz. Os jovens trazem novos comportamentos e temas para o debate, colocando em evidência certos tabus, tanto para a esquerda quanto para a direita, como diz Nelson Motta na obra *Que rock é esse? a história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones*, de Edgar Piccoli:

> A MPB, a geração mais tradicional, dizia que a garotada dos anos 1980 foi criada sob a ditadura, não pôde ouvir nada, não viu determinados filmes, não leu alguns livros e matérias nos jornais. Foi criada na alienação. Engano total! Porque essa juventude veio com muito mais fúria e informadíssima. Tanto que Cazuza e Renato Russo foram os primeiros a tocar em dois temas-tabus para a esquerda e para a direita: sexo e drogas. (MOTTA apud PICCOLI, 2008, p.79)

Durante a década de 1980, o jovem passa a ter uma influência no cenário cultural como nunca antes tivera. Há dois fatores essenciais para entendermos a pequena força da cultura jovem brasileira: o primeiro liga-se ao fato de não ter existido um grupo que representasse a cultura jovem em si; havia diversas identidades jovens que entravam em choque, impedindo que alguma se sobressaísse como sua representante; já o segundo refere-se ao olhar dado ao jovens pela indústria cultural, que não os via como um consumidor em potencial, levando tal indústria a não focar seus investimentos nesse grupo

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

social. Para Okky de Souza, jornalista e crítico musical, que participou de revistas ligadas à música jovem, como a *Pop*, na década de 1970, e a *Somtrês*, na década de 1980, essa falta de visão da juventude como importante nicho comercial impediu à consolidação de publicações voltadas para esse grupo, que não conseguiam se sustentar apenas com suas vendas (ALEXANDRE, 2002, p.113).

O jovem na década de 1980 altera esses conceitos. Junto com a música, há a divulgação em larga escala de todo um movimento cultural realizado e pensado para os jovens, em várias mídias: cinema, artes plásticas, grafite, música, jornais, livros, artes visuais etc. Um fotógrafo jovem produz a capa de um disco de uma banda de rock jovem, que, por sua vez, é analisada por um jornalista jovem e utilizada num filme sobre a juventude. Fecha-se um ciclo em que as atividades de produção, divulgação, análise e consumo são realizadas pelos jovens, que se mostram um forte nicho consumidor e produtor de cultura, sendo a música o fio condutor de todo esse processo.

Eis o BRock[2]

Como dito anteriormente, o rock está diretamente ligado à ideia de juventude. Por meio do lazer, a música se transforma num meio de interação entre os jovens, em que há troca de experiências e interação a partir de gostos em comum. Segundo Abramo, é a partir do "estilo" que os jovens desenvolvem um conjunto de traços com o objetivo de se ordenar, a partir de uma diferenciação com outros grupos; tais escolhas são feitas de forma intencional (ABRAMO, 1994, p.87). O rock também é um meio de interferência nos espaços públicos e privados pelos adolescentes, através de festas e shows musicais ou do atrito gerado entre as culturas juvenis e as normas e as instituições do mundo adulto, além de ser uma forma de o jovem fugir do tédio e, em alguns casos, da sensação de isolamento. Alguns jovens passam a se dividir em grupos, tendo a música como objeto de interação e união entre eles. Nesses grupos, os adolescentes trocavam experiências e encontravam uma sensação de proteção e acolhimento,

[2] Termo criado pelo jornalista Arthur Dapieve para designar o rock brasileiro da década de 1980, sendo o mais aceito entre os analistas do período (DAPIEVE, 1995).

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

afinal, estavam juntos de outras pessoas que pensavam como eles e tinham problemas parecidos, diferentes dos seus pais.

Outro fator essencial para entendermos o fascínio dos jovens pelo rock é sua atitude. Mais que um gênero musical, o rock produz uma atitude de ruptura às instituições e de imposição no espaço onde atua, no qual o adolescente se identificava e utilizava para conseguir seu lugar na sociedade. Das danças às roupas, passando pela própria música, a atitude roqueira se apresenta como a principal expressão da juventude, como nos demonstra Cazuza na obra *Cazuza: Só as mães são felizes*, de Lucinha Araújo:

> O rock é a ideia da eterna juventude. Quando descobri o rock, descobri também que podia desbundar. O rock foi a maneira de me impor às pessoas sem ser o 'gauche' - por que de repente virou moda ser louco. Eu estudava num colégio de padres onde, de repente, eu era a escória. Então quando descobri o rock, descobri minha tribo: ali eu ia ser aceito! E rock para mim não é só música, é atitude mesmo, é o novo!...É a vingança dos escravos. É porque não é pra ser ouvido, é para ser dançado, é uma coisa tribal. (CAZUZA apud ARAÚJO, 1997, p.361)

Diversas bandas começam a surgir na década de 1980, tais quais Blitz, Paralamas do Sucesso, Barão vermelho e Ultraje a Rigor, como um meio de diversão dos jovens, a maioria nem imaginava viver disso, apenas queria uma forma de se expressar ou buscavam um lazer. Baseado na ideologia *punk*, que não exige um domínio pleno do instrumento para se apresentar, diversos jovens se uniram em bandas e começaram a ensaiar.

Para o jovem se impor, é necessário que ele negue a geração anterior, como forma de legitimar o seu modo de pensar e ganhar espaço na sociedade. Para o BRock se impor, foi necessário que a MPB fosse deslegitimada pela juventude da década de 1980. Para Leoni (apud ALEXANDRE, 2002, p.180), "já havia MPB demais; e, que quando adolescente, são as diferenças que denotam sua identidade". Para esses jovens, a MPB era algo velho e ultrapassado, que não conseguia se comunicar com eles e nem com a atual realidade brasileira. A maioria dos artistas já estavam próximos dos 40 anos, por isso tinham outras questões pelas quais cantar, afastando-os dos questionamentos da juventude. Esse

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

distanciamento fez com que o jovem brasileiro da década de 1980 tenha sua formação musical desenvolvida a partir de ritmos internacionais, que serão adaptados e reestruturados para a realidade nacional. Por isso, o rock perde o seu *status* de cultura imperialista e ganha espaço para ser a principal voz dessa juventude.

O BRock recebe influência direta de dois movimentos musicais originários dos EUA e Inglaterra: o *Punk* e a *New Wave*. Esses ritmos vão marcar a atitude nas músicas dessas bandas, diferenciando-as do que havia sido feito de rock no país anteriormente. Ambos os gêneros adotam uma simplicidade musical e referências diretas à cultura pop e à realidade urbana, proporcionando uma aceitação mais ampla da juventude estudada[3].

Sendo uma reação à preciosidade técnica do rock progressivo, a música *punk* se caracteriza por melodias simples e letras agressivas, criticando a situação política, econômica e social do mundo. Seu ápice mundial foi no final da década de 1970 na Inglaterra, tocada por jovens das classes operárias que sofriam com a falta de empregos.

Por ser uma arte crua, a ideia do *punk* atingiria mais facilmente as emoções. Pregando uma atitude política extremamente revolucionária, adota o lema "faça você mesmo", defendendo que todo qualquer ato deve ser feito de maneira que rompa completamente com o *status quo*.

As letras das bandas *punks*, principalmente as paulistas, insistem nas denúncias de exploração das classes trabalhadoras, nos jovens desempregados, na situação de miséria do seu meio, no vazio existencial e na repressão policial. Fazem questão de afirmar que vivem no subúrbio e de lembrar a hierarquia social. Para eles, a denúncia do que não deveria estar acontecendo era primordial. Constituído em sua maioria por jovens trabalhadores, a juventude *punk* paulista sente de maneira mais potente a crise do futuro; questionando se seria possível um futuro melhor e se haveria a possibilidade de se ter esperança, apesar de todas as mazelas no mundo.

Esses temas apareciam, pois o país passava por um momento de

[3] Deve-se lembrar que estamos trabalhando com a juventude urbana das grandes cidades e da classe-média brasileira

UVA MEMBRO DA REDE ILUMNO
REVISTA AQUILA. nº 21. Ano IX. Ago/dez, 2019.
ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

grave crise econômica e possuía um alto índice de desemprego, sendo esses jovens pertencentes às classes trabalhadoras, acabam sendo afetados diretamente por essa crise. Surge um sentimento de revolta e insatisfação entre alguns jovens que encontram no movimento *punk* uma forma de atuar na sociedade, que fornecia "ao mesmo tempo uma identidade singular e uma forma de expressar a sua insatisfação" (ABRAMO, 1994, p.93). Com isso, o *punk* não pode ser visto apenas como mais um estilo musical derivado do rock, ele é adotado como um estilo de vida, tendo uma vestimenta e relações sociais próprias. Ao adotá-lo, o jovem se vê fazendo parte de uma comunidade, cujos membros criam uma identidade de grupo fechado e muitas vezes hostil aos não-membros.

Dos punks, vieram os grupos que mais se opõe aos artistas da MPB. Vistos como estagnados e sem vitalidade, tais artistas eram considerados por esses jovens como estrelas institucionalizadas, sem coragem de investir em algo novo. A agitação que esses artistas tinham produzidos nas décadas anteriores estava parada e não havia como continuá-la de onde parou. Os jovens propõem uma revitalização e reestruturação dessa agitação, mas dessa vez feito por eles mesmos, que dialogassem com suas realidades. Um exemplo de sua atitude radical foi expressa por Clemente, líder da banda Inocentes, através do *Manifesto Punk: Fora com o mofo da MPB! Fim da ideia de falsa liberdade* de 1982 em que ele dizia:

> Procuramos algo que a MPB já não tem mais e que ficou perdido nos antigos festivais da Record [...] Nós estamos aqui para revolucionar a música brasileira, para dizer a verdade sem disfarces [...] para pintar de negro a asa branca, atrasar o trem das onze, pisar sobre as flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer (CLEMENTE apud ALEXANDRE, 2002, p.60).

A segunda influência do BRock foi o chamado *new wave*, movimento musical derivado do *punk*. Esse estilo musical é mais focado na melodia e dialoga com outros gêneros como o *reggae*, o *classic rock* e a *disc music*. Sua atitude também é crítica em relação à sociedade, mas não tão agressiva como o p*unk*, pegando desse a presença de palco e o jeito não convencional da vestimenta. Aqui a contestação sai um pouco do plano político-social e passa a ser do plano moral.

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

As bandas que optam pelo estilo *new wave* utilizam a cultura pop para criar uma identidade jovem dentro do meio musical. Tanto nas letras quanto nas vestimentas são notados diversos símbolos culturais que pertencem ao universo jovem, como quadrinhos, referências a esportes da moda ou programas de TV. Diferente do *punk*, a *new wave* não procura romper com a sociedade, mas impor-lhe sua estética. Suas bandas utilizam um discurso mais informal, usando gírias e se utilizando da linguagem cômica ao falar do universo jovem. As apresentações são valorizadas como espetáculos, onde, além da música, os artistas realizam performances no palco.

Devido ao seu poder de expressão, derivado tanto das letras quanto das atitudes, o rock acaba ganhando um lugar de destaque na cena cultural brasileira. As diversas culturas acabam confluindo para o gênero ao adotá-lo em suas peças, seus filmes, suas fanzines e suas reportagens. Podemos dizer que a juventude brasileira forma uma grande comunidade para se impor dentro da cena cultural nacional.

A comunidade jovem

Érica Magi nos faz lembrar um ponto essencial que devemos ter em mente ao estudar o BRock, é necessário ter atenção para não cairmos no erro de pensar que apenas os artistas estavam envolvidos no processo de criar, a partir do rock, uma música que fosse a voz da juventude brasileira ao expressar seus anseios e dialogar com o seu universo. Havia também um conjunto de jovens jornalistas que estavam dispostos a lutar por um espaço na grande imprensa para falar de rock e música pop - gêneros musicais ligados à cultura jovem - e produtores musicais novos ávidos por novos talentos para suas gravadoras (MAGI, 2013). Adotar o rock torna-se, assim, uma atitude política de contestação à norma vigente ao cenário musical brasileiro, afinal esses jovens produtores e jornalistas não encontravam nessa cena uma forma de expressão que traduzisse suas angústias.

Já aparecia um discurso contra a hegemonia da MPB no final dos anos 1970 em alguns cronistas culturais – como Ana Maria Bahiana, Ezequiel Neves e Pablo Escobar – que buscavam uma atualização de temas a

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

partir das novidades vindas do EUA e da Europa. Entretanto, eles foram criticados por ir contra esse projeto de cultura pensado na década de 1960.

> Era "vamos falar bem de Elis Regina". Para você ter uma ideia, na primeira vez que eu botei a palavra rockabilly na capa da Ilustrada [caderno cultural do jornal Folha de São Paulo] foi uma comoção, porque ninguém sabia o que era rockabilly. "Por que um negócio desses, esquisito, anglófilo, na Folha?"... Queríamos tirar esse atraso dos últimos 20 anos, desde 68 na verdade. Daí muito de nós termos sido acusados de elitistas, vendidos, colonizados... (MAGI, 2013, p.70).

Na década de 1980, surgem diversos nomes dentro do jornalismo – Arthur Dapieve, Jamari França, Alex Antunes, entre outros – que se unem a essa "velha guarda" para renovar as páginas de cultura. Tais jovens já possuíam uma influência musical que tirava o foco da MPB, usando o rock como uma forma política para demarcar seu espaço. Dapieve (1995, p.159) defende que "era por uma questão meio ideológica escrever sobre o rock... aquela geração se via senão como revolucionária, mas vinha contra a MPB estabelecida... era necessário fazer uma cisão".

Quando pensamos a juventude brasileira na década de 1980, estamos falando de um grupo extenso, existiam várias juventudes convivendo juntas (BOURDIEU, 1983, p.113). Logo, por mais que o BRock tenha conseguido um grande destaque no período, não podemos pensar que isso foi obtido de forma isolada. Todas as outras formas culturais feitas pelos jovens foram importantes para que o rock conseguisse despontar e se consolidar. Há uma intensa troca de experiências entre os jovens que produziam tais culturas, levando-os a participarem de várias atividades. Forma-se, então, uma comunidade que agregava diversas identidades distintas, que aceitavam se unir com o objetivo de ganhar um destaque maior em seu meio. Um dos principais exemplos estava no cinema, em que as bandas, além de ficarem responsáveis pela trilha sonora, também participavam como atores.

O rock atua como mediador entre as identidades jovens, podemos dizer que o BRock é uma nova forma de capital cultural imposta dentro do campo musical brasileiro, subvertendo o domínio da MPB. Ao reapropriar o capital rock, que mesmo alcançando um relativo sucesso de público ainda não era reconhecido entre quem

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

dominava o campo da música brasileira, a juventude o valoriza, conseguindo, assim, uma forma de aumentar seu espaço dentro do campo musical brasileiro.

Mark Mattern, ao analisar a formação de comunidades e suas ações políticas, defende que a música serve para definir e manter uma comunidade diversificada - que nesse trabalho seriam os jovens brasileiros - promovendo distintas formas de ações para que esse grupo se imponha em seu meio. A música teria a função de "cola social", ao prender diversas identidades coletivas numa mesma comunidade, cujos conflitos de interesses geram negociações para tentar melhorar o convívio (MATTERN, 1998).

Partindo dessas questões, podemos afirmar que, diferente das décadas de 1950 (quando não havia uma identificação entre os jovens e os cantores de rock), de 1960 (quando havia uma rixa entre MPB e a Jovem Guarda, impedindo que o rock se consolidasse no país) e de 1970 (quando alguns músicos buscaram permanecer no *underground*, devido a uma ideologia que privilegiava o rock marginal, enquanto os que tentavam aparecer na mídia sofriam com as barreiras impostas pela ditadura militar e pelo descaso que as rádios faziam com o rock nacional), na década de 1980, há uma ligação entre as culturas jovens para se impor na cultura brasileira, a partir de várias vertentes, tendo o rock como principal representante e voz da juventude. Nesse ambiente de intensa produção cultural jovem associada à necessidade desse grupo de impor o seu lugar dentro da cultura brasileira, é que o rock encontra espaço para, depois de quase 30 anos, se consolidar no Brasil.

“A gente não quer só comida”

Para John Street, ao fazermos uma relação entre música e política, devemos ter em mente que elas não são entidades separadas, elas seriam extensões de si. Na música, temos embutidos valores e experiências políticas, ao mesmo tempo em que ela é uma forma de organização da ação e do pensamento político. A música não deve ser vista apenas como um veículo de expressão política, ela é a própria expressão (STREET, 2012).

Dentro das músicas do BRock, estão embutidos os valores e a

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

experiências políticas dessa juventude, ao mesmo tempo em que elas se tornam um meio do jovem se impor nos espaços públicos e privados. Através desse discurso musical, poderemos analisar a forma como esses jovens encaravam o mundo e as mudanças pelas quais o Brasil estava passando.

Músicas[4] como *Geração Coca-Cola* [5], da banda Legião Urbana, e *Comida*[6], do Titãs, trazem uma crítica ao pensamento político tradicional e suas formas de ação, ao mesmo tempo em que são apresentadas novas propostas de atuação política e questionamentos, buscando uma nova oportunidade de mudança social, visto que, para esses jovens, as antigas ideias falharam. O processo de reabertura política exigia uma coletividade que tomasse a dianteira nas mudanças que estavam acontecendo, abrindo espaço para o jovem alcançar seu espaço.

O BRock começa a valorizar certos assuntos que antes não estavam entre as principais discutições na música brasileira, como a sexualidade e as drogas. Era uma afronta direta a moralidade que havia na sociedade brasileira, representada principalmente pela censura. Músicas como *Pelado*[7] e *Sexo*[8] apresentam uma questão antimoralista explícita, sendo utilizadas para ridicularizar a opinião conservadora ao tratar o sexo e o nu como uma coisa natural do ser humano, através do uso de uma linguagem irônica.

Para Street, a música é o local em que o ser humano declama sua liberdade (STREET, 2012, p.10), a utilização de uma linguagem irônica e ridicularizadora foi uma forma encontrada pelos jovens de se impor dentro da sociedade através dos ideais surgidos com a abertura política. A herança da Ditadura Militar passa a ser apresentada por esses jovens como algo a ser ridicularizado, como podemos ver na música "Veraneio Vascaína"[9].

[4] Por uma questão de espaço, não reproduzirei no artigo as letras das músicas.
[5] RUSSO, Renato. **Geração Coca-cola**. Rio de Janeiro: EMI, 1987. LP.
[6] ANTUNES, Arnaldo, Marcelo Fromer, Sérgio Britto. **Comida**. Rio de Janeiro, WEA, 1987, LP.
[7] MOREIRA, Roger. **Pelado**. São Paulo, WEA, 1987, LP.
[8] MOREIRA, Roger, MOREIRA, Maurício. **Sexo**. São Paulo, WEA, 1987, LP.
[9] RUSSO, Renato; LEMOS, Flávio. **Veraneio vascaína**. Rio de Janeiro**,** Polygram**,** 1986, LP.

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

Devido ao lento processo de transição para o regime democrático, foi intensificado no Brasil as crises econômicas, políticas e sociais, ao mesmo tempo, elas se combinam com diversas questões, relacionadas ao ciclo das transformações, que haviam sido pautas durante a década de 1960 e que começam a ser sentidas de modo mais intenso por esses jovens, tais como a crise de valores, dos modelos políticos e das utopias. Essas crises influenciam diretamente na forma como o jovem via a redemocratização como algo positivo.

São essas relações baseadas nas crises que levaram a década de 1980 a ser erroneamente acusada de ser a "década perdida" e de sua juventude ser considerada durante anos como alienada. Devemos levar em conta que mesmo não produzindo uma alternativa político-social à ordem vigente, esses jovens lutam de uma maneira própria contra ela. A partir da denúncia do que está errado e da negação do que não se quer, tais jovens vão reinventar, a partir de suas intervenções culturais, a forma de luta política, trazendo novos questionamentos. Músicas como *Brasil*[10] e *Que país é este*[11] representam essa visão crítica, apresentam questionamentos aos processos de mudança no país.

Não podemos pensar que essas crises se dão apenas em nível nacional, o mundo também estava passando por importantes transformações. Na década de 1980, tanto o socialismo quanto o capitalismo se encontravam em graves crises, o que levou ao agravamento das tensões entre EUA e URSS nesse final de Guerra-Fria. Enquanto o capitalismo se recuperava de uma crise econômica, levando a uma reestruturação interna do sistema - o chamado neocapitalismo, capitaneado por políticos conservadores como Margaret Thatcher e Ronald Reagan, a partir de políticas que estimulavam a individualização do cidadão -, o socialismo se encontrava numa crise tanto econômica quanto política, que levaria a queda do Muro de Berlim no final dessa década e ao fim da URSS no começo dos anos 1990. Por esses motivos, a juventude começa a buscar novas formas de intervenção no

[10] CAZUZA; ISRAEL, George; ROMERO, Nilo. **Brasil.** Rio de Janeiro, Philips, 1988, LP.
[11] RUSSO, Renato. **Que país é este**. Rio de Janeiro: EMI, 1987. LP.

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

mundo, fugindo dessa luta ideológica. É a partir da década de 1980 que se intensifica as demandas ecológicas, por exemplo, fruto desses novos questionamentos que surgiam no final da Guerra-Fria.

O cenário mundial, a condição de ser jovem e o lento processo de reabertura política geram uma sensação de angústia e insegurança que afeta diretamente o modo de pensar do jovem. Graças a essa visão negativa, a juventude cria novos laços para viver em sociedade. Eles passam a valorizar uma ligação através das identidades em comum, que começam a interagir de forma mundial com o advento da globalização. A união desses jovens através do BRock, um gênero norte-americano que foi adaptado à realidade brasileira, é um exemplo de como as influências externas ganharam espaço como "cola social". O BRock aparece, então, como uma identidade comunitária que engloba diversas identidades jovens, sendo assim, uma forma de defesa contra a sensação de medo e insegurança pelo qual o jovem está passando no período. Em concomitância, também abre espaço para que a juventude possa se expressar nesse mundo confuso em que se encontrava.

Conclusão

A juventude brasileira finalmente consegue consolidar sua cultura na década de 1980. Depois de sofrer com intensas disputas internas e passar por um momento de afastamento, a cultura jovem se renova, realizando um diálogo entre os seus vários ramos que proporcionam esse momento. Ao comparar a sua geração com a geração 1980, o cineasta Lael Rodrigues, responsável por diversos filmes voltados à juventude roqueira do período, mostra-nos a diferença de atitude assumida por nosso objeto de estudo: "a gente pegou uma fase de curtir o bode, sofrer era mais importante, mas esse pessoal de hoje procura enfrentar as dificuldades de uma forma mais pra cima, essa rapaziada não está precisando mostrar nada, está fazendo" (AFONSO, 2016, p.150).

O BRock consolida o rock como um importante gênero brasileiro, abrindo espaço para que as gerações futuras de roqueiros encontrassem um caminho onde não houvesse tantas

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

dificuldades para apresentarem os seus trabalhos. No começo dos anos 1990, aparecem diversos grupos que unem o rock brasileiro com ritmos regionais, como o manguebeat de Chico Science & Nação Zumbi e o forrócore dos Raimundos. A entrada da MTV no Brasil, em 20 de outubro de 1990, apresentou uma nova cena roqueira internacional que também terá forte influência nas futuras gerações de roqueiros brasileiros.

As letras do BRock ainda continuam dialogando com a juventude atual, mesmo passados trinta anos, sendo ainda a principal referência sobre rock brasileiro, além de ter suas músicas reapropriadas por gerações posteriores, sinal de que algumas das questões cantadas pela juventude da década de 1980 continuaram persistindo no Brasil (AFONSO, 2016, p. 153-154). A partir daí, podemos falar que o rock brasileiro feito na década de 1980 é importante para a sociedade brasileira dos anos 2010, que ainda o utiliza como forma de expressão. Por esses motivos, não podemos considerar essa década como "perdida" ou seus jovens como "inútil". Mais do que meros "subprodutos de rock", essa geração mudou o cenário cultural do Brasil, consolidando um novo estilo musical e propondo novas questões para uma nova república que estava nascendo.

REVISTA AQUILA. nº 21. Ano IX. Ago/dez, 2019.
ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

AFONSO, Luís Fellipe Fernandes. **O som e a fúria de um novo Brasil:** juventude e rock brasileiro na década de 1980. 16/03/2016. 198pp. Dissertação em história comparada (mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em História Comparada – PPGHC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de luta**: o rock e o Brasil dos anos 80. São Paulo: DBA *Dórea Books and Art*, 2002.

ARAÚJO, Lucinha. **Cazuza**: Só as mães são felizes. 1° edição, São Paulo: Ed. Globo, 1997.

BRYAN, Guilherme. **Quem tem um sonho não dança**: cultura jovem brasileira nos anos 80. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. **Bibliografia sobre juventude.** São Paulo: Edusp, 1995.

DAPIEVE, Arthur. **BRock**: Rock brasileiro dos anos 80. São Paulo: Editora 34, 1995

FRITH, Simon. ***La Sociologia del Rock.*** Madrid: Ediciones Jucar, 1980.

MAGI, Érica Ribeiro. ***Rock and Roll* é o nosso trabalho:** A Legião Urbana do underground ao mainstream. São Paulo: Editora Alameda, 2013.

MATTERN, Mark. ***Acting in Concert***: *Music, Community and Political Action.* New Jersey: Rutgers University Press, 1998.

MEDOVOI, Leerom. ***Rebels: Youth and the Cold War origins of identity.*** Durham: Duke University Press, 2005.

PICCOLI, Edgar. **Que rock é esse?** A história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

STREET, John. ***Music and Politics*.** Cambridge: Polity Press, 2012.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pelo conteúdo e opiniões expressos no presente artigo, além disso declara(m) que a pesquisa é original.

Recebido em 15/03/2019
Aprovado em 20/06/2019

ISSN: 1414-8846
e-ISSN: 2317-6474